

SANTOS, B. C. N.; DIB, A.. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

ALIANÇA SINO-RUSSA: NASCIMENTO DE UM NOVO CENTRO DE PODER NA ORDEM MUNDIAL OU PREPARAÇÃO PARA UMA NOVA GUERRA FRIA?

Bárbara Conceição Nunes Santos*
Alfredo Dib Abdul Nour**

Resumo: Este texto discute e avalia a aproximação nas relações entre China e Rússia e seu posicionamento geopolítico. No âmbito do projeto de pesquisa a “Influência da economia paralela na administração contemporânea e vice-versa” o texto busca entender e reposicionar a presença de atores globais no jogo das relações internacionais. O objetivo deste trabalho é analisar os motivos desta aliança, apresentando os pontos favoráveis e desafios, bem como o reflexo deste posicionamento. A metodologia é básica e exploratória com pesquisa bibliográfica e telematizada e análise qualitativa. A discussão de resultados apresenta a insistência dos dois países nos acordos de cooperação bem como suas dificuldades. Salienta ainda as movimentações de outros países e as preocupações com a estabilidade regional. As considerações finais reflexionam sobre um período turbulento para o ocidente que se apresenta dividido em busca de alternativas e trilhando o caminho o oposto à aliança Sino-Russa que planejam aproximação e integração de seus interesses.

Palavras-chave: Relações Internacionais. Modernização Reflexiva. Desenvolvimento Regional/Local. Globalização. Relações Sino-Russas. Ordem Mundial.

Abstract: This paper discusses and evaluates the approach in relations between China and Russia and their geopolitical position. Within the research project’s framework “Influence of Black Economy in Contemporary Administration and Vice Versa,” the text seeks to understand and reposition the real presence of global actors in the game of international relations. The objective of this study is to analyze the reasons for this alliance, showing the favorable points and challenges, as well as reflecting this positioning. The methodology is basic and exploratory with bibliographic and telematic research, besides qualitative analysis. The discussion of results shows the insistence of two countries on cooperation agreements as well as their difficulties. Emphasizes the movements of other countries and concerns about regional stability. The final considerations reflect over a turbulent period for the West that has divided in search of alternatives and treading a path opposite to the Sino-Russian alliance planning approach and integration of their interests.

Keywords: International Relations. Reflective Modernization. Local Development/Global Development. Sino-Russian Relations. World Order.

1. Introdução

Nas últimas décadas, China e Rússia têm demonstrado semelhanças claras tanto em suas transições de um sistema socialista para o capitalista, como no desenvolvimento de material bélico, investimento na indústria aeroespacial, programas sobre energia e em suas políticas relacionadas às relações internacionais. Ambos são os maiores países em extensão territorial do continente eurasiático e desde o início do século XXI seus interesses tornaram-se muito mais convergentes e sua relação, estreita. Historicamente, há uma cooperação iniciada

*Discente do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), Departamento de Letras e Artes (DLA), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail nunesss.b@gmail.com

**Docente e Pesquisador do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DCAC), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail alfredodib@yahoo.es

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

em 1949, quando surgiu a República Popular da China, que foi imediatamente reconhecida pela antiga União Soviética (URSS) e que proclamou rapidamente a sua amizade com a mesma como prioridade na política externa. Tratando-se desse aspecto, pode-se ressaltar o firmo de Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviética em 1950.

Nesse período, estreitou-se a relação ideológica entre os dois países, de forma que, o próprio Mao Tse-tung¹ chegou a afirmar que ambos seriam “irmãos para sempre”, ideia que assustava os países ocidentais. A propaganda de ideologia capitalista divulgava de forma insistente uma tese sobre a ameaça “vermelho-amarela” ao mundo. Diante do exposto, mostrou-se que China e Rússia, que partilham de uma história comum de construção e funcionamento do sistema socialista planejado, agora partilham dos mesmos interesses e almejos internacionais: ambos pretendem alcançar um *status* reconhecido de potências soberanas e juntas retirar do cenário internacional o imperialismo norte americano. Com metodologia básica, pesquisa bibliográfica e telematizada, faz-se uma análise qualitativa dos movimentos geopolíticos no âmbito das relações internacionais.

2. Objeto de debate

De acordo com Frachon (2015), Vladimir Putin geralmente incita dois tipos de reação no Ocidente: admiração e indignação. O primeiro pela surpresa em relação a suas habilidades estratégicas do famoso Kremlin, podendo até ser visto como gênio internacional. O segundo, pelo fato de acabar por reconhecer e começar a questionar a omissão de Barack Obama, que se mostra passivo nessa guerra de titãs. Em 2014, na Crimeia, e novamente em 2015, na Síria, Putin tem feito demonstração de força. O presidente se mostra com o maquinário militar renovado, e o orçamento de defesa corresponde a mais de 4% do PIB (FRACHON, 2015); além de demonstrar o domínio de suas estratégias, alicerçando-se a Xi Jinping, presidente da China, e esfriando cada vez mais a imagem de império americano que foi construída ao longo dos últimos anos. Além disso, desde o fim da URSS, Moscou demonstra estar reconquistando seu status no oriente médio, onde o domínio era preponderantemente americano.

De acordo com Franco (2014), a divisão entre a “nova” e “velha” Europa é um fato histórico. Os países europeus que eram considerados satélites da URSS entraram em um

¹ Líder comunista à frente da Revolução Chinesa. Foi o fundador da República Popular da China e governou o país no período de 1949 até sua morte, em 1976.

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

processo de integração de forma rápida nas estruturas de caráter político e econômico ocidentais, além da arquitetura transatlântica, já que mostravam preocupação estratégica com especificidades próprias e diferentes da maioria do restante de países do antigo continente. Franco (2014) ainda analisa que a convicção russa na integração da antiga Europa do Leste foi resultado de uma grande estratégia euro americana, que foi planejada com o principal intuito de enfraquecer a influência da Rússia no velho continente e no restante do mundo.

A aliança Sino-Russa, a partir desta perspectiva, tem como principal objetivo, de acordo com Frachon (2015, p. 01), “contestar a preponderância da liderança americana sobre as questões do mundo”, chegando a se demonstrar uma guerra de cunho tanto ideológico (em relação a ressaltar a soberania da Rússia e da China) quanto estratégico (para alianças financeiras e de incentivos para acelerar os seus mercados nacionais).

Em grande medida, os objetivos têm sido almejados e Rússia e China têm marcado território de forma notória, tanto em aspectos físicos quanto políticos, levantando a dúvida sobre a legitimidade do império americano. A Rússia atesta cada vez mais suas novas estratégias e recursos para se estabilizar, e a China acompanha o ritmo, tendo em vista que o país vem se equipando com uma marinha de guerra e mísseis de alta potência. As atuações da Rússia na Ucrânia e na Síria, como a da China, ao apropriar-se de pequenas ilhas de propriedade controversa e as transformar em mini-bases militares, como forma de ambição para mostrar ao mundo seu poder e posto almejado de superpotência, são exemplos dos movimentos geopolíticos engendrados pelos dois países.

Segundo Frachon (2015), os Estados Unidos enfrentam um período de perda de credibilidade e uma realidade difícil de admitir em Washington. Na obra “*Is there hope for Uncle Sam? Beyond the American Bubble*” de Jan Nederveen Pieterse (2008), o sociólogo holandês apresenta e analisa a problemática de uma superpotência, que viveu e vive a 35 anos sob o poder conservador dos republicanos do Sul, os quais têm amplos interesses tanto financeiros quanto petrolíferos. De acordo com Pieterse (2008), o petróleo é um dos principais motivadores de guerras, levando em consideração que são realizadas buscas por territórios a serem conquistados, uma vez que se trata de recursos naturais. O autor caracteriza a guerra como um negócio para os Estados Unidos e assinala que ao tratar de interesses de uma concentrada cúpula, internamente o país não se desenvolve, a desigualdade aumenta, o declínio social se acentua e dilata os extremos entre riqueza e pobreza.

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Os desafios do maior país das Américas incorporam dados que antes eram ditos de países em desenvolvimento, tais como os problemas de ordem social, econômica e desenvolvimento. Em 2013, por exemplo, a criminalidade nos Estados Unidos assumia a primeira posição em comparativo com o mundo, considerando o número de presos equivalente a 2,24 milhões (DEARO, 2013). No segundo semestre de 2015, quando houve mais um desequilíbrio imobiliário no país, americanos foram despejados e a classe média se endividou de maneira exacerbante. A dívida pública americana aumentou de forma hiperbólica dos anos de 2013 a 2015, onde no último alcançou cerca de US\$ 18,1 trilhões (G1, 2015).

Esse quadro não trouxe facilidades para Barack Obama e, além disso, o presidente segundo Cohen (2015), não obteve êxito em cumprir as promessas feitas à Síria, onde ao mesmo tempo, Putin teria se sentido com liberdade e força de anexar a Crimeia em 2014. Enquanto isso, Xi Jinping identificou a possibilidade de aos poucos militarizar o mar da China Meridional. Essa é a primeira vez que os Estados Unidos têm seu *status* de potência soberana questionada fortemente pelo resto do mundo, de acordo com Frachon (2015), uma vez que a “dominação americana” tanto militar, estratégica, cultural e ideológica se mostra de forma passiva diante de tantos fatos e acontecimentos. Em consideração a isso, dois pontos da postura classificada como omissiva tomada pelo presidente Barack Obama são relevantes. O primeiro trata-se de reбуçar-se na diplomacia e o segundo, de pertencer a uma vertente política que reconhece a decadência do império americano e a tendência a uma nova ordem multipolar. De acordo com o jornal Folha de São Paulo (2015a), na assembleia geral da ONU em 28 de setembro de 2015, o presidente chegou a citar que há “risco de retrocesso nas relações internacionais” e “correntes perigosas que arriscam puxar-nos de voltar a um mundo mais sombrio e desordenado”.

De acordo com portal Economist (2014), não é surpresa que essa preponderância americana seja contestada, tendo em visto que os Estados Unidos têm enfrentado uma série de desastres ligados às intervenções tanto no Afeganistão quanto no Iraque, que acabaram por evidenciar limitações nas capacidades de ferramenta militar em terras estrangeiras. Acrescenta-se o questionamento sobre a dívida americana e seus reflexos na economia global. Obama tende a terminar seu mandato em 2016 focado no trabalho pela paz mundial – o que o

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

levou a ganhar o prêmio Nobel da Paz em 2009, e tudo indica irá manter tal como está suas peças no jogo internacional aguardando a decisão das urnas para a nova presidência.

China e Rússia têm demonstrado que defendem fortemente uma participação mais significativa dos países em desenvolvimento na gerência da economia mundial e a reforma urgente do Fundo Monetário Internacional, prometida a mais de cinco anos. Em 2010, na 5ª reunião de cúpula do G-20, os líderes das principais economias mundiais concordaram em rever as políticas de cotas do FMI, a fim de dar mais espaço aos países em desenvolvimento, porém essa reforma ainda depende de aprovação do congresso nos Estados Unidos (NOGUEIRA, 2013). Segundo Economist (2014), para Wang Yi, chanceler chinês, os mercados emergentes desempenham um papel muito importante no cenário internacional, e eles também devem ter direito a tomar decisões sobre o rumo da economia global.

A aliança sino-russa não se firma apenas em palavras. Em maio de 2014, a Rússia e a China firmaram um acordo de fornecimento de gás da companhia russa Gazprom para a CPNPC (Companhia Nacional de Petróleo da China), envolvendo cerca de 400 bilhões de dólares; onde a Rússia fornecerá 30 bilhões de metros cúbicos de gás de metro cúbicos ao ano a partir de 2018 e seus 30 anos seguintes. Com esse acordo, a Rússia apresenta a China como um país que não somente é seu aliado na prestação de serviços e investimentos, mas também que tem aberto mercado em seu país, como um aliado na partilha de suas recentes políticas e valores. A semelhança em ambos os países se mostra de um lado no engajamento de Putin em defender o interesse nacional russo – com o projeto de modernização da força militar – e, a China que compartilha do mesmo incentivo, através do projeto nacionalista ‘Chinese Dream’ – responsável por manter uma relação de rivalidade com os Estados Unidos (ECONOMIST, 2013).

Segundo o site Sputnik News (2015), a relação entre os dois países já rendeu 32 acordos bilaterais, incluindo um acordo de mais de 6 bilhões de dólares de investimentos chineses na Rússia para uma linha de trem interurbana e um trato de acordo de ‘não agressão’ entre o ciberespaço de ambos os países. Tal aproximação indica que a relação entre Moscow e o Ocidente está cada vez mais distante (em relação às sanções impostas a Rússia pela situação com a Ucrânia) e a relação com Pequim cada vez mais estreita, levantando suspeita de que ambos estão tomando uma posição estratégica para enfrentar os EUA em uma ‘nova era da Guerra Fria’.

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

De acordo com Raymond Li (2015), o que une a China e a Rússia é o interesse na desestabilização de *status* que os Estados Unidos possuem. Para ele, Pequim necessita jogar a carta russa contra os EUA para que assim possa se converter em nova potência mundial e, por outro lado, a Rússia precisaria da China já que permanece isolada do Ocidente; o que fomentaria o interesse mútuo desses países.

3. Análise dos resultados

As relações sino-russas têm vivido um período de ascensão crescente onde Pequim deseja fortalecer contatos de cooperação e estratégicos com Moscou. Tal estratégia ficou evidenciada no 70º aniversário na Segunda Guerra Mundial, ocorrido em 09 de fevereiro de 2016, que acabou por confirmar a potencialização do estreitamento dessas relações, uma vez que os dois países são vistos como os principais campos de batalha na Europa e na Ásia durante a Segunda Guerra Mundial (LI, 2015).

Um dos planos é a cooperação comum, envolvendo Rússia, China e Índia, causando rumores de um triângulo de poder ou um potencial G3 em dimensão global, com objetivo de fortalecer suas três vozes em apenas uma, para ecoar com mais força e potência em frente ao cenário internacional. A expansão da cooperação foi acelerada pela crise ucraniana e sanções ocidentais e gradualmente poderá se tornar uma ameaça à dominação dos Estados Unidos, particularmente no que se refere às questões regionais (CHINA TIMES, 2015). A cooperação envolve temas conflitantes tratando tanto de problemas em torno do Estado Islâmico, do Afeganistão e da Síria, mas também envolvendo respostas a prováveis evoluções do conflito no Sudeste da Ucrânia e reações a possíveis mudanças no regime de sanções contra a Rússia – incluindo o endurecimento e/ou prolongamento das medidas restritivas.

De acordo com Fedorov (2015), Nikita Maslennikov, conselheiro do Instituto de Desenvolvimento Contemporâneo, não se trata apenas da discussão de soluções momentâneas e passageiras, mas também das de projeção para o futuro, por isso a intenção desenvolver uma agenda consistente e coerente no médio prazo. O conselheiro ainda afirma que não há dúvidas que os três países têm chances e perspectivas de se converter em um novo pólo de geopolítica que deve ser respeitado e tornar-se um dos principais do mundo multipolar, deixando a era unipolar estadunidense para trás (FEDOROV, 2015).

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

O cenário de aliança e estratégias na construção de uma nova ordem mundial apresenta desafios, e a dinâmica das relações internacionais remodeladas por no mínimo três cenários.

O primeiro cenário sobre o plano de cooperação China e Rússia trata-se do período de fragilidade que a economia russa está enfrentando, tendo em vista que em 2014 o Ministério de Economia Russo afirmou que o país estaria próximo a uma recessão (EBC, 2014). Esse período deve-se as sanções econômicas aplicadas pelos países ocidentais e a queda acentuada do preço do petróleo na época, o que ocasionou a desvalorização da moeda nacional russa e o redirecionamento do Oriente.

Em 2015, a economia russa diminuiu 3,7 % ainda em combate com a acentuada queda do preço do petróleo e sanções econômicas. Soma-se também o retrocesso no comércio externo e queda de 10% nas vendas varejistas (VALOR, 2016).

O período de fragilidade econômica na Rússia gerou especulações sobre seu desenvolvimento de forma efetiva envolvendo também o grupo econômico de cooperação BRICS. Segundo o Financial Time (2016), o grupo está morto e Rússia juntamente com o Brasil haveriam de ser substituídos por Taiwan e Coreia do Sul – países intensivos em tecnologia, ao contrário dos dois primeiros que continuam especialistas em exportação de *commodities*.

Quanto à China, sua situação econômica é questionada por especialistas, segundo pesquisa realizada por Bloomberg e citada no site da InfoMoney (2016). Após queda na bolsa e baixa no crescimento econômico, agora os rumores são sobre a capacidade do sistema financeiro chinês em absorver o aumento dos empréstimos de liquidação duvidosa. Os dados ainda não divulgados pelo governo são aguardados para que se possa avaliar e analisar a situação dos créditos e da capacidade de pagamento. Mesmo assim cresce o receio da necessidade de médio prazo de um resgate e a reação tanto internacional como nacional poderá influenciar as negociações internacionais bem como as políticas de cooperação com Rússia.

O segundo cenário envolve a APEC (sigla inglesa para Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico), um bloco econômico criado em 1993 na Conferência de Seattle (EUA). Este bloco tem como principal interesse estimular o comércio de serviços e produtos, reduzir as taxas de importação e exportação nas relações comerciais entre os países membros. Conforme Bezlova (2007), existe uma estratégia dos Estados Unidos para unir forças e

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

fortalecer vínculos na Ásia, enquanto Pequim tenta projetar seu crescente poderio militar deixando Índia e Japão (aliados de Washington) temerosos. O primeiro ministro chinês Shinzo Abe alegou que tal aproximação entre os países visa criar um arco asiático da liberdade e da prosperidade que exclui a China.

O vice-presidente do Instituto Chinês de Relações Internacionais Contemporâneas, Fu Megzi (BEZLOVA, 2007, p.01) chegou a declarar: “Vemos um renascimento da mentalidade da Guerra Fria nos esforços de Washington para encontrar aliados e sócios enquanto fortalece sua presença militar na região Ásia-Pacífico, na Europa oriental e na Ásia austral, além de sua ocupação indefinida do Iraque” e ainda afirmou que os EUA estariam decididos a “revitalizar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), além de construir uma “aliança” com a obsessão de forjar relações militares com países que não integram esse bloco”.

O terceiro cenário envolve medidas preventivas derivadas dos outros países, excluindo a Rússia das negociações. A primeira parte envolve o Japão e Austrália (grande exportador agrícola), que chegaram a acordos de livre comércio de caráter bilateral, além de uma pesquisa conjunta de tecnologia submarina. Além disso, o Tratado Transpacífico, fechado em Atlanta em 2015, responsável por abranger 40% da economia global (FOLHA, 2015b); inclui EUA, Japão, Austrália, Brunei, Canadá, Chile, Cingapura, Malásia, México, Nova Zelândia, Peru e Vietnã. Além desses países economias asiáticas e sul americanas, tem profundo interesse em fazer parte. Isso põe a China à deriva de que, caso queira participar, deverá se adequar aos aspectos comerciais.

4. Considerações finais

A união de poderes entre China e Rússia tem despertado um olhar diferenciado de todo o mundo e uma tendência cada vez mais forte de uma nova ordem mundial. Embora haja diferentes vertentes que assinalem a fragilidade econômica russa e a não popularidade da China na Ásia, a interação entre os dois países parece ameaçar os Estados Unidos e seus respectivos aliados no Oriente. O planeta poderá dividir-se novamente, sem previsão de unificação e, assistir um episódio historicamente repetido oriundo de disputas estratégicas, advindo dos anos de 1947 a 1953, porém dessa vez com conflitos diretos.

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

A “nova era da Guerra Fria” pode acontecer enquanto a aliança sino-russa se fortalece, através de interesses comerciais e políticos, de forma estreita, sem considerar até o momento questões de ordem social, regional e global, centrando-se no fortalecimento militar, expansão de poder e acumulação de riqueza. Os EUA, que já estavam presenciando um desmoronamento em seu sistema interno, vivenciam a ameaça de uma realocação no sistema internacional e seu posicionamento de superpotência sendo desmistificado pela China e pela Rússia. A eventual queda do império norte americano se mostra cada vez mais profunda tanto no viés interno como no externo, se expondo sem recursos e vontade política para uma nova guerra-fria, enquanto a ascensão de um novo império nas mãos sino-russas tende a ditar um novo cenário internacional e põe em evidência seus interesses perante o mesmo.

O ano de 2016 é um ano de caráter decisivo, visto que as relações internacionais inquietam-se a nível elevado. Com as eleições em curso nos Estados Unidos, as movimentações em relação às ameaças da supremacia da potência norte americana devem acontecer após o período de eleição e com a posse do novo presidente. Além disso, no panorama global, o Reino Unido encontra-se dividido pela opção dos ingleses pela saída da Inglaterra da União Europeia, tornando-se um marco para as tomadas de decisões geopolíticas. A Europa encontra-se evocada a reestudar seu projeto de integração regional, fortalecer a concepção da União Europeia e revigorar seu papel global. A Ásia é espectadora dos movimentos das campanhas eleitorais tanto nos EUA quanto na decisão britânica e, por enquanto, os pequenos países asiáticos são brindados pelo êxito econômico e alguma estabilidade social fortalecida por suas empresas ícones, além da sua imagem de pacifistas.

Os Estados Islâmicos tendem a prosseguir com a manutenção e aumento de poder político e econômico regional ainda que pese a perplexidade com o crescimento do número de refugiados que ultrapassa qualquer previsão de dados históricos, bem como as ameaças e ações terroristas tão presentes.

O Pacífico, por envolver a costa norte americana menos desenvolvida, incorporar regiões desenvolvidas da Ásia e países potencialmente relevantes da América Latina, é considerado uma alternativa para uma nova rota de riqueza. Enquanto o ocidente se autoquestiona sobre as medidas tomadas nos últimos anos e encontra-se dividido, China e Rússia buscam aproximações e clareamento ponto a ponto dos seus interesses, aparentemente sem pressa, mas com volume e potência.

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Referências

BEZLOVA, A. **APEC: Exercícios militares manda recado à China**, 2007. Disponível em: <<http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2007/09/politica/apec-exercicios-militares-manda-recado-a-china/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

CHINA TIMES. **Russia to increase defense spending amid new sanctions**, 2014. Disponível em: <<http://thechinatimes.com/online/2014/07/6989.html>>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

COHEN, Roger. **Obama's Syrian Nightmare**, 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/09/11/opinion/roger-cohen-obamas-syrian-nightmare.html?_r=0>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

DEARO, Guilherme. **Os 10 países com mais presos no mundo**, 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/album-de-fotos/os-10-paises-com-mais-presos-no-mundo>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

EBC, **Economia Russa está perto de recessão**, 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-08/economia-russa-esta-perto-da-recessao-diz-governo>. Acesso em 19 de fevereiro de 2016.

ECONOMIST. **China's future**, 2013. Disponível em <<http://www.economist.com/news/leaders/21577070-vision-chinas-new-president-should-serve-his-people-not-nationalist-state-xi-jinping>>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

ECONOMIST. **China and Russia: best frenemies**, 2014. Disponível em <<http://www.economist.com/news/leaders/21602695-vladimir-putin-pivots-eastward-should-america-be-worried-best-frenemies>>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

INFOMONEY. **Aumenta o coro dos que preveem um resgate financeiro na China**: nove de quinze participantes em uma pesquisa realizada pela Bloomberg projetaram que uma recapitalização financiada pelo governo ocorrerá dentro de dois anos, 2016. Disponível em http://www.infomoney.com.br/bloomberg/mercados/noticia/5265193/aumenta-coro-dos-que-preveem-resgate-financieiro-china?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_content=noticia&utm_campaign=anal_mercados. Acesso em 4 de julho de 2016.

FEDOROV, Vladimir. **Rússia-China-Índia: nascimento de um novo centro de poder**, 2015. Disponível em: <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2015_01_31/R-ssia-China-India-nascimento-de-um-novo-centro-de-poder-6379/>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

FINANCIAL TIMES. **The BRICS are dead, long live the TICKS**, 2016. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/2/b1756028-c355-11e5-808f8231cd71622e.html#axzz3ySOvhO4L>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2016.

SANTOS, B. C. N.; DIB, A. Aliança sino-russa: nascimento de um novo centro de poder na ordem mundial ou preparação para uma nova guerra fria? *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 90-100, Ilhéus – BA, nov. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Leia a íntegra do discurso de Barack Obama na Assembleia-Geral da ONU**, 2015a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1687583-leia-a-integra-do-discurso-de-barack-obama-na-assembleia-geral-da-onu.shtml>>. Acesso em 04 de julho de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **EUA, Japão e mais 10 países fecham acordo comercial regional histórico**, 2015b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1690284-eua-e-mais-11-paises-fecham-maior-acordo-comercial-regional-da-historia.shtml>>. Acesso em 05 de julho de 2016.

FRACHON, Alain. **Le temps du grand chaos**, 2015 Disponível em: <http://www.lemonde.fr/idees/article/2015/10/22/le-temps-du-grand-chaos_4794272_3232.html>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

FRANCO, Livia. A Rússia e a nova Europa. **Relações Internacionais**. n. 43, p. 31-41, set. 2014.

G1. **Tesouro dos EUA pede elevação do teto da dívida ao Congresso**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/03/tesouro-dos-eua-pede-elevacao-do-teto-da-divida-ao-congresso.html>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

LI, RAYMOND. **La nueva relación con China con la que Putin desafía las sanciones de Occidente a Rusia**, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/05/150512_china_rusia_nueva_relacion_men>. Acesso em 31 de janeiro de 2016

NOGUEIRA, Renata. **O Brasil, BRICS e FMI**, 2013. Observatório de Relações Internacionais. Disponível em: <https://neccint.wordpress.com/2013/02/18/o-brasil-os-brics-e-o-fmi/>. Acesso em 04 de julho de 2016.gh

PIETERSE, Jan Nederveen. **Is there hope for Uncle Sam?** Beyond the American Bubble. Zed Books, 2008.

RT, **Medios chinos**: La cooperación entre China y Rusia está creando un nuevo orden mundial, 2015. Disponível em: <<https://actualidad.rt.com/actualidad/172490-rusia-china-nuevo-orden-mundial>>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

SPUTNIK NEWS. **Cooperação entre Rússia e China muda ordem mundial**, 2015. Disponível em: <<http://br.sputniknews.com/mundo/20150419/804485.html#ixzz3yMAg6bze>>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

VALOR. **Economia Russa diminuiu 3,7% em 2015**, 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/internacional/4408252/economia-russa-diminui-37-em-2015>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2016.